

PRÓLOGO

Ali estava ele, sentado no alto da sua glória, a pensar com muita lucidez que se tinha perdido completamente algures no turbilhão do sucesso. Lourenço Brasão sonhara que um dia alcançaria a fama, claro, mas perguntava-se agora de que lhe servia viver em função da fama se ia a caminho de um futuro vazio. *Um dia, pensou, não me vai restar nada além da fama.*

A praia da Costa de Caparica estava já praticamente deserta. Tinha sido um daqueles dias perfeitos de Verão, com o Sol a brilhar, visibilidade total e um calor que se pusera agradável com a aragem do fim da tarde. Lourenço inclinou a cabeça para trás, lentamente, a saborear o ar puro da praia e uma das suas cigarrilhas preferidas. Soltou o fumo que lhe queimava os pulmões. Afundou os pés na areia quente e emocionou-se secretamente com os tons púrpura que enchiam o céu naquele fim de tarde de Julho.

Viera de Lisboa num impulso e agora estava sentado na esplanada da praia do Rei com a sua imperial e a sua cigarrilha, a apreciar o espectáculo do Sol a pôr-se. Tudo muito romântico, muito sensível, muito... meloso. Lourenço fazia por não ser assim, oficialmente. Passara muito tempo a *construir* uma imagem e quem o conhecesse não diria que fosse homem de perder mais de dois segundos a contemplar um pôr do Sol. Em contrapartida, podia sentar-se na intimidade da sua sala a ver um filme sozinho e embrenhar-se na história ao ponto de se emocionar. Coisa que não admitiria a ninguém, claro. Seria pouco viril. Se calhava uma amiga comentar casualmente que vira o mesmo filme, que o ado-

rara e até chorara, Lourenço abanava a cabeça com um sorriso condescendente e dizia: «mulheres...»

Na redacção gostava de ser um profissional frio, calculista, imune às tragédias diárias que corriam no ecrã quando apresentava os noticiários de televisão. Tal e qual como um médico de serviço nas Urgências de um hospital que, ao receber uma vítima de acidente de trânsito, não deixaria de galhofar sobre a fabulosa festa da noite passada enquanto se aplicava eficientemente na tarefa de recompor o *puzzle* de ossos quebrados do infeliz politraumatizado.

Mas se calhasse dar uma entrevista à revista *Lux* ou a qualquer outra do coração, diria sem pejo que algumas das reportagens terríveis que apresentava na televisão lhe despedaçavam a alma — usaria esta expressão com uma sinceridade comovente. Diria: «Sabe? Um jornalista tem de conviver com isso...»

De modo que ninguém, além dele próprio, sabia realmente o que normalmente lhe ia na cabeça. O medo de parecer demasiado sensível, a necessidade de se mostrar sofisticado, o desejo de ser apreciado sem ter de revelar mais do que quase nada da sua intimidade, o sorriso hipócrita para o seu pior inimigo... tudo facetas do papel de figura pública que, havia muito, assumira.

Lourenço irrompia todos os dias na redacção de coluna hirta e cabeça erguida, irradiando uma autoconfiança admirável. Distribuía palmadas nas costas e trocava simpatias com todos no caminho para a secretária do *pivot*, a sua secretária no centro da sala. E, no entanto, não era diferente das pessoas comuns, não conseguia evitar aquele nervosismo latente da insegurança quando saía de casa a pensar nos riscos de dar a cara em mais uma emissão ao vivo, tal e qual como um vulgar empregado de escritório se sentiria perante o peso da responsabilidade de uma qualquer tarefa importante.

Esvaziou o copo num instantinho. O empregado trouxe-lhe outra cerveja, não solicitada.

— Esta é oferta da casa — disse, visivelmente entusiasmado por o ter ali na sua esplanada.

— Ah, muito obrigado.

Lourenço irradiava simpatia naturalmente e as pessoas gostavam dele. Quem é que não gostava de ser simpático com uma figura

pública, de trocar umas palavras agradáveis com Lourenço Brasão para mais tarde comentar o privilégio com os amigos?

O empregado voltou à sua rotina e Lourenço ficou com o sorriso pendente, pensativo. Quando é que a vida se tinha tornado assim tão fácil? Veio-lhe à memória a sua primeira reportagem de impacte nacional. Tinha sido há quanto tempo? Treze anos, *parecem trinta*, pensou, *aconteceram tantas coisas depois disso...* Estava então com 23 anos, acabado de sair da universidade, voluntarioso. Oferecia-se para qualquer trabalho, por mais insignificante que fosse, mas sempre à espreita de uma oportunidade maior. Sonhava com a reportagem, aquela que o tornaria famoso.

A sua primeira reportagem importante roubara-a a um repórter sénior já demasiado enfasiado com a profissão para se dar ao trabalho de atender o próprio telefone.

— Lourenço — disse o jornalista mais velho —, atende isso, que eu tenho mais que fazer. — Estava a ler o jornal. Lourenço atendeu.

— O que era? — perguntou-lhe, quando ele desligou.

— Era um maluco — disse Lourenço, encolhendo os ombros.

— Ah, pois — resmungou o outro. — Estão sempre a telefonar.

Mas o maluco anunciara-lhe que acabara de matar a mulher e os dois filhos pequenos e que gostaria que o fossem buscar a casa. Lourenço foi contar ao chefe de redacção o que se estava realmente a passar e este mandou-o sair em reportagem.

Chegou ao local antes da polícia. Ia acompanhado por um repórter de imagem e um assistente. Os três ficaram fechados no apartamento com o homem perturbado, rodeados pela morte, durante quase cinco horas. Lourenço lembrava-se, como se fosse hoje, da caçadeira carregada, o dedo trémulo no gatilho, o rosto transtornado, os corpos tristes banhados em sangue.

Conseguiu manter-se ao telefone, em directo, a maior parte do tempo, consternando o país com a tragédia. E naquele tempo era mesmo *todo* o país, uma vez que as televisões privadas ainda estavam por decidir e o monopólio pertencia à pública. O homem acabou por entregar-se à polícia, vencido pelo cansaço, derrotado pela irracionalidade, e Lourenço Brasão tornou-se, ele próprio, notícia. Foi entrevistado no telejornal, fotografado pelos jornais e ouvido pelas rádios. Quando, mais tarde, o colega sénior, furioso, o

confrontou com o sucedido, ele regressou momentaneamente ao registo do estagiário ingénuo.

— Não pensei que fosse importante — disse.

O motor da *Honda 750* soltou um derradeiro ronco poderoso antes de se remeter ao silêncio no momento em que Isabel Laureano cortou a ignição. Havia apenas quatro ou cinco carros no parque de estacionamento da praia do Rei. Isabel reconheceu o *BMW* descapotável de Lourenço, imponente com os estofos de couro amarelo-torrado. Retirou o capacete integral depois de colocar o descanso e descer da moto. Era pequenina de estatura e quando parava num semáforo equilibrava o monstro de duas rodas esticando os pés, em pontas, com a graciosidade de uma bailarina.

Abanou a cabeça para soltar um cabelo louro e fino. Usava-o curto, mas isso não lhe traía a feminilidade, pois havia em Isabel algo de tão bonito, de tão perfeito, que encantava os homens. Tudo nela era pequenino. Embora não fosse exageradamente magra, não seria possível adivinhar-lhe os contornos dos seios, porque se escondiam de forma insuspeita debaixo de uma camisola larga de algodão azul-forte com riscas brancas.

Despiu o casaco de cabedal e enfiou as luvas dentro do capacete. As mãos dela eram pequenas, suaves e quentes. Vestia calças de ganga que lhe assentavam maravilhosamente. Levitou por cima da areia com a intenção de manter os sapatos de ténis limpos por dentro, até chegar ao terreno firme da passadeira de cimento e estugar o passo em direcção ao restaurante da praia.

A primeira coisa que Isabel reparou foi no bilhete de avião em cima da mesa, colocado ali intencionalmente com toda a certeza, mas não lhe fez qualquer referência.

— Estás bom? — ofereceu-lhe um sorriso jovial e beijou-o na face, fazendo-lhe ao mesmo tempo uma carícia quase fraternal no rosto. Lourenço percebeu que ela estava na defensiva, desconfiada. Telefonara-lhe mais cedo, a meio da tarde, convidando-a a ir ter com ele à praia depois do trabalho. «O que é que se passa?», quisera saber Isabel. «Nada, vamos conversar um bocadinho», respondera ele, evasivo, sem querer adiantar nada por telefone.

— Olá, senta-te — disse Lourenço. — Queres beber alguma coisa?

— Pode ser uma coisa dessas — apontou para a imperial meio vazia em cima da mesa.

Lourenço voltou-se na cadeira e fez sinal ao empregado, levantando o seu próprio copo como que a significar que queria outro igual. O homem acenou positivamente com a cabeça e desapareceu atrás do balcão.

— Vais viajar? — perguntou finalmente Isabel, pousando os olhos azuis no bilhete de avião. Tinha colocado o capacete virado para cima na areia e estava recostada na cadeira com as pernas estendidas, displicente. Agora já não queria saber da areia nos sapatos.

— Hum, hum — fez Lourenço, confirmando pausadamente com a cabeça, ao mesmo tempo que comprimia os lábios, com gravidade. Reparou na expressão triste dela e sentiu-se mal por saber que a ia magoar. E não queria.

Fechou os olhos por um segundo, transmitindo uma mensagem de apaziguamento. Lourenço fazia muito isto, instintivamente, e Isabel adorava. Mas desta vez sentiu um aperto no peito e teve de se dominar para não deixar que as lágrimas lhe assomassem aos olhos.

— Vais hoje? — perguntou. A voz saiu-lhe frágil.

— Não — disse ele, sem coragem para se alongar em explicações. Odiava-se por estar a sujeitá-la àquilo, queria poupá-la ao sofrimento, mas não havia outra maneira de fazer o que tinha de fazer. Pelo menos, tinha a obrigação de ser totalmente honesto com ela, de não a enganar.

— Então? — Abriu os braços, impaciente. — Amanhã?

Lourenço voltou a acenar com a cabeça, lentamente, sem falar, como se as palavras ainda pudessem contribuir mais para a ferir. Isabel limpou com raiva uma lágrima traidora, furiosa consigo mesma, irritada por se permitir à humilhação do que disse a seguir, mas sem o conseguir evitar.

— Vais vê-la?

— Não sei — disse Lourenço, remexendo-se na cadeira, incomodado. — Nem sequer sei se ela me quer ver.

O empregado apareceu com duas cervejas num tabuleiro e ficou entre eles enquanto os servia, remetendo-os ao silêncio. Colocou um copo em frente de Isabel e outro, que Lourenço não tinha pedido, à frente dele. O homem apercebeu-se do ambiente pesado e limitou-se a um sorriso agradável. Em troca, recebeu de ambos agradecimentos vagos, murmurados.

O Sol era agora uma bola perfeita, avermelhada, por cima do mar. Já estava fraco e podia ser admirado à vista desarmada. Contudo, Isabel tirou do bolso do casaco uns óculos escuros e colocou-os. Não queria que ele a visse lacrimosa. Acima de tudo, não queria fazê-lo sentir-se incomodado com a situação ao ponto de só pensar em acabar com aquilo depressa e desaparecer. *Não*, pensou, teriam uma conversa civilizada, como dois adultos, sem choros nem recriminações.

— E eu — perguntou Isabel, sem tirar os olhos do mar —, e nós? Já não há nada que te prenda a mim? Já não sentes nem um bocadinho de amor por mim?

Apesar de tudo, apesar do que ele lhe estava a fazer, Isabel não podia deixar de o amar. Mas conseguia compreender que não o podia obrigar a sentir o mesmo por ela. Queria apenas saber, ter a certeza do que ia na cabeça de Lourenço. Afinal de contas, já esperara tanto tempo por ele...

— Claro que sinto — disse Lourenço. — Olha, Isabel, pode ser ridículo dizer-te isto agora, mas tu continuas a ser a pessoa mais importante na minha vida.

— Não parece. — As palavras saíram-lhe sem querer, automaticamente, com uma ponta de amargura, e arrependeu-se logo.

— Eu sei que não parece — concordou. — Mas é precisamente por continuar a gostar tanto de ti que não posso, não quero, enganar-te. — Lourenço fez uma pausa para arrumar os pensamentos, à procura das palavras certas. — Olha, Isabel, imagina que eu casava contigo sabendo que continuava a pensar nela. Não estava a ser honesto contigo, não te ia fazer feliz e, provavelmente, daqui a um ou dois anos estávamos separados. Era isso que tu querias?

— Não, claro que não — disse Isabel, e depois a voz saiu-lhe sumida, quase num sussurro: — Eu só te perguntei se já não sentias nada por mim porque continuo a achar que nós nascemos um para o outro, mesmo se tu agora não consegues sentir isso.

És bem capaz de ter razão, pensou ele, desolado, e se *calhar eu sou estúpido por estar a deitar fora o nosso amor*.

— Tens de me deixar ir, Isabel. — Pareceu-lhe que ele estava quase a implorar-lhe, como se quisesse o seu consentimento para a trocar por outra. — Tens de me deixar ter a certeza.

Isabel tirou os óculos escuros, segura de que não ia chorar mais, e olhou-o directamente nos olhos, irritada com a injustiça. Ele não tinha o direito de lhe pedir o apoio!

— Vai — disse, fria. — Faz o que tens a fazer. Mas não te passe pela cabeça que me podes deixar e me vais ter de volta quando te cansares das outras.

— Não são *outras* — corrigiu-a. — Eu não costumo andar com *outras*. Nunca te enganei.

— Seja o que for — encolheu os ombros. — Não interessa. Eu não vou ficar à tua espera.

— Eu sei. Não te estou a pedir isso. Desculpa se te dei a entender que era isso que queria.

— Ótimo. — Isabel agarrou no capacete e levantou-se. — É bom saber que és responsável pelas tuas decisões e que consegues viver com elas. Faz boa viagem.

E, dito isto, virou-se e partiu, decidida. Lourenço deixou de a ver no momento em que contornou o restaurante e desapareceu na passadeira de cimento. Ainda ouviu o ronco abafado da moto, segundos mais tarde, mas não a viu arrancar com o acelerador a fundo e a roda traseira a derrapar na terra, e a dar uma chicotada violenta para o lado contrário, quase a atirando ao chão antes de se equilibrar e se impulsionar furiosamente para a frente no caminho esburacado que a levaria à estrada para Lisboa. Lourenço fechou os olhos, apertando as pálpebras com força, como se estivesse a fazer uma careta de dor e, quando voltou a abri-los, reparou que a noite já tinha chegado.

Pagou a conta e foi-se embora com a terrível sensação de que acabara de fazer uma grande asneira, a asneira da sua vida. Mas também com a certeza de que tinha de ser assim.

O *BMW* entrou directamente para o acesso subterrâneo do edifício de luxo à beira Tejo, na zona oriental da cidade, a Lisboa moderna da exposição internacional que decorria naquele ano de

1998. Desceu uma rampa e estacionou no lugar correspondente a um apartamento no quarto andar. Lourenço Brasão atravessou a garagem em direcção aos elevadores sem se preocupar em trancar o carro. Ao fundo, no topo da rampa, a porta automática fechou-se sozinha. Carregou num interruptor de parede e, após uma breve hesitação, a fila de luzes brancas fluorescentes no tecto de betão iluminou a garagem.

Os seus passos ressoaram no imenso espaço vazio. Usou uma chave para abrir uma porta pesada e entrou no pequeno átrio marmoreado que dava acesso aos elevadores. Em menos de um minuto estava em casa.

A sala era um luxo de quarenta metros quadrados. Janelas panorâmicas prolongavam-se ao longo da parede, abrindo-se para uma varanda e fazendo um L, de forma que o topo sul ficava praticamente em cima do Tejo. O chão de mármore cinzento-claro coberto por tapetes dividia a sala em duas áreas distintas. À direita, uma mesa de jantar com tampo de vidro suficientemente grande para sentar dez pessoas confortavelmente; à esquerda, os sofás de couro preto, a estereofonia e a televisão estilizadas, *Bang&Olufsen*. Havia uma lareira em mármore e um grande armário feito à medida da parede com um pequeno bar em baixo. Lourenço serviu-se de um uísque *J&B* puro que deitou num copo de balão.

Desembarçou-se dos sapatos e refastelou-se na sua poltrona favorita. Ligou a televisão com o comando, optando pela função de mosaico para poder ver vários canais ao mesmo tempo. Retirou-lhe o som. Em seguida accionou o CD e o *Requiem* de Mozart envolveu suavemente a sala. Com um segundo comando reduziu ao mínimo as luzes, evitando assim os reflexos na janela. Ao longe, surgiu a ponte Vasco da Gama, iluminada por milhares de pequenas luzes suspensas que rompiam, como por magia, o vazio negro da noite.

Lourenço acendeu um pequeno charuto cubano *El Rey Del Mundo* e ali ficou, indolente, a vigiar o trânsito como se fosse o dono da ponte. Inevitavelmente, os seus pensamentos vaguearam ao sabor da disposição até se fixarem em Isabel. E foi surpreendido por um súbito sentimento de solidão que o deixou angustiado. Isabel era o que ele costumava pensar, meio a sério meio a brincar,

um *valor seguro*. Pois bem, acabara de deitar pela janela o seu *valor seguro*. Recordou-se vagamente de uma conversa alcoólica de muitas horas com um colega da televisão, num bar escuro a puxar ao intelectual, num daqueles buracos do Bairro Alto muito apreciados pelos amantes da noite e da conversa fiada ao sabor dos copos.

— Ouve lá, Lourenço, quando é que te decides a casar? — perguntou-lhe o colega, lançando-lhe uma provocação típica das quatro da madrugada.

Lourenço deu uma passa profunda na cigarrilha *Davidoff*, bebeu um pouco de uísque, chegou-se à frente apoiado num cotovelo e deixou cair, de uma só tirada, toda uma filosofia de vida.

— Para que é que vou prender-me a uma mulher quando posso ter um monte delas?

Mas agora, perdido na imensidão luxuosa da sua sala, percebia pela primeira vez que estava quase sozinho neste mundo. Em breve ia fazer trinta e seis anos e a sua família resumia-se a um irmão que emigrara há largos anos para os Estados Unidos, onde estava casado com uma americana de quem tinha três filhos que nem português falavam e lhe eram praticamente desconhecidos. Pela milionésima vez, prometeu a si próprio fazer a viagem a Seattle, onde o seu irmão trabalhava como engenheiro na indústria aeronáutica. Recentemente, pouco antes da maratona informativa a propósito da inauguração da Expo 98, falara com o irmão ao telefone e, mais uma vez, combinaram uma visita em breve aos Estados Unidos, «quando as coisas acalmarem», dissera, mas ambos sabiam que não se realizaria.

Desde que se lembrava de si, Lourenço tinha sido sempre demasiado individualista. Conseguira fazer o liceu e a universidade sem ficar com um único amigo. Havia sempre muitos conhecidos, claro. Mesmo agora, na televisão onde trabalhava há seis anos, dava-se maravilhosamente com a maior parte das pessoas. Havia alguns colegas com quem saía para beber um copo e algumas mulheres com quem tinha ido, ocasionalmente, bem mais longe do que o simples copo. Mas, bem vistas as coisas, quem é que ele podia considerar realmente amigo? Qual deles é que não poderia passar a ser, de um dia para o outro, um *alvo a abater*, se a concorrência profissional a isso obrigasse? Lourenço bebeu o resto do uísque do

fundo do copo e sentiu-se vazio. Percebeu que começava a sentir-se cansado de ser um tipo dissimulado e egoísta, coisa que até há bem pouco tempo não o incomodava nem um bocadinho.

Pensou novamente em Isabel e surpreendeu-se a meio de um longo suspiro. Isabel estava a seu lado desde o primeiro dia da faculdade de Direito. Tinham aprendido todas as leis a estudar em conjunto e tinham sido amantes eventuais. No segundo ano, após muitas hesitações, haviam assumido finalmente o namoro, com todas as esperanças e todos os projectos que isso acarretava. Mas Lourenço soubera escapar-se às amarras do compromisso, uma e outra vez, habilmente, com desculpas de liberdade. Dizia que a amava mas que precisava do seu espaço. Casar estivera sempre longe do seu horizonte. Primeiro argumentou com a juventude, depois com a dedicação exclusiva ao início de carreira.

Perdeu-a de vista, momentaneamente, a seguir à faculdade. Desistiram ambos de fazer vida de tribunal. Lourenço ganhou o *vício* do jornalismo; Isabel entrou no mundo da publicidade.

Um dia, depois da reportagem dramática que o catapultou para os primeiros degraus da fama, Isabel telefonou-lhe. Saíram para jantar e, mais uma vez, tiveram uma recaída de amor.

Lourenço era um homem alto, atlético, de ombros largos, rosto anguloso e cabelo encaracolado como um deus do Olimpo. Pelo menos, Isabel assim o via. Ela, pequenina e bonita, com a sua imagem frágil, abria todas as defesas quando ele a abraçava, envolvendo-a ternamente nos seus braços fortes, e a transportava sem esforço para a cama, onde uma noite de amor conseguia fazer eclipsar a angústia de ficar à espera de um telefonema de Lourenço, de uma palavra que a fizesse saber que ele ainda a queria, que ele ia querê-la para sempre.

1

Às nove e meia da noite, em Madrid, a *Castellana* era uma avenida atrapalhada. O trânsito permanecia imperturbavelmente caótico. Aparentemente, o cansaço de um dia de trabalho e o frio seco e penetrante de Janeiro não eram razões suficientes para intimidar os madrilenos. Estes, ao contrário do resto dos europeus, estariam àquela hora mais interessados em garantir uma mesa num dos *glamorous* e incontáveis restaurantes da cidade, em vez de pensarem em retirar-se para o calor do lar.

Luz María vislumbrou um espaço em cima do passeio, num dos parques paralelos à avenida, e nem hesitou. Apontou o *Seat Cordoba* e estacionou ali mesmo, pouco preocupada com o risco de apanhar uma multa. No banco traseiro, a pequena Maruja dormia, rendida a um dia de correrias na escola. Como sempre, Luz María interrompera o trabalho na produtora às cinco da tarde para ir buscar a filha e regressar à sala de montagem nos arredores de Madrid, onde ultimava um documentário para uma televisão nacional.

Abriu a porta de trás e retirou a filha adormecida, que se acomodou nos braços da mãe sem dar sinal de vida. Ia directa para a cama. Luz María não seguia a *movida* madrilenha. Trabalhava o dia inteiro e só pensava em voltar para casa, livrar-se dos sapatos apertados, tomar um banho e enfiar-se na cama. Luz María nem sequer era espanhola, embora vivesse em Madrid há quatro anos. Ao contrário da filha, que nascera por acaso em Lisboa, Luz María passara uma infância relativamente tranquila em Ha-

vana, sua terra natal, sem sonhar que estava destinada a uma vida de percalços motivada por um espírito desassossegado e por uma ânsia de liberdade.

Em 1958, muito antes do nascimento de Luz María, Jorge Torrado, o pai dela, apesar de ser um homem culto, vivia um cotidiano tão simples quanto o de qualquer outro agricultor dedicado à sua terra. Cultivava tabaco, planta que era o ganha-pão de Cuba. Estava com trinta anos e era proprietário de extensas terras, razoavelmente próspero, mas acima de tudo orgulhoso do seu trabalho.

Um dia os seus campos foram atravessados por uma coluna de guerrilheiros barbudos, chefiados por um comandante que, dizia-se, estaria a passear-se nas ruas de Havana dentro em breve.

Era a época da sementeira e Jorge Torrado avaliava o estado dos campos fazendo escorrer a terra por entre os dedos, como se fosse um garimpeiro com uma mão cheia da areia do rio à procura de pepitas de ouro. O primeiro guerrilheiro surgiu em silêncio, cauteloso, do arvoredo que rodeava o campo lavrado e deu alguns passos seguros, aventurando-se no terreno a descoberto. Trazia uma *AK-47* nas mãos, empunhava a arma de assalto de fabrico soviético pronta a disparar. Logo surgiu outro e outro e outro...

O comandante era um homem amável, de estatura imponente, que também usava barba e envergava o uniforme verde-oliva. Nesse tempo Fidel Castro ainda fumava charuto e foi com agrado que se sentou no alpendre da casa do agricultor e acendeu um *robusto* que este lhe ofereceu, juntamente com um pouco de rum caseiro, em sinal de hospitalidade. Inspirou profundamente o fumo do charuto com os olhos postos no terreno cultivado que se expandia em sulcos a perder de vista mesmo ali em frente à casa.

— Sabe que mais, companheiro? — disse Fidel, entusiasmado com a beleza serena do campo milimetricamente moldado pelo arado. — Há muito tempo que ando nesta vida e já vi as coisas mais extraordinárias que um homem pode ver por mais anos que viva. E, no entanto, continuo a achar que não há nada mais belo e mais honesto do que o fruto arrancado à terra. E olhe que eu

sei bem o que isso custa — disse, apontando para o agricultor com o charuto entalado entre os dedos. — Os sacrifícios que são necessários para que estejamos aqui sentados, calmamente, neste fim de tarde perfeito a fumar um charuto e a beber rum... — Abanou a cabeça, sublinhando dessa forma o espanto que aquilo lhe causava.

— Não há recompensa sem esforço — disse o agricultor — e eu faço isto por gosto.

— Acredito, acredito — congratulou-se o comandante. — E é por isso que me dá a volta ao estômago ver agricultores honestos como o senhor darem tudo o que têm pelas suas terras, enquanto outros transformam Havana num bordel para viverem de proveitos que em nada ajudam o povo.

Fidel Castro revelou-se de uma educação e de uma tranquilidade de espírito surpreendentes para alguém que vivia há tanto tempo acochado pelo exército governamental. Vinha da *Sierra Maestra*, região inóspita onde planeara o assalto à capital. Aceitou a hospitalidade do agricultor e passou uma noite repousante no quarto dos hóspedes. Era uma casa confortável mas sem luxos, nem muito espaço, de modo que os guerrilheiros tiveram de montar acampamento no exterior e dormir à volta de fogueiras festivas, com o lume a estalar ao som dedilhado que saía da guitarra de um revolucionário. A música de fundo ouviu-se madrugada fora. Os homens beberam rum e cantaram a vitória antecipada até caírem sob as estrelas, vencidos pelo cansaço.

De manhã bem cedo, enquanto os guerrilheiros levantavam o acampamento, limpando civilizadamente todos os vestígios da noite, Fidel Castro despediu-se do anfitrião, fazendo troar com emoção a sua voz arrastada.

— Estou-lhe muito agradecido pela sua hospitalidade — disse, apertando-lhe calorosamente a mão entre as suas. — Já não me lembrava do que era dormir numa cama.

— Sempre que precisar — ofereceu Jorge Torrado. — É uma casa às suas ordens.

— Muito obrigado, mais uma vez. E agora — declarou Fidel, com os olhos a brilhar — é tempo de me pôr a caminho, que logo, logo, tenho de estar em Havana.

O agricultor deixou-se ficar a ver Fidel Castro desaparecer, caminhando à frente dos seus guerrilheiros e ficou a pensar: *ali vai um homem justo, comprometido com a sua causa a favor do povo.*

Alguns meses mais tarde, com Fidel Castro já instalado no poder em Havana, apareceram na fazenda outros homens bem menos tolerantes. Estava-se em finais de Maio e o comandante Fidel assinara o decreto da Reforma Agrária a dezassete desse mês. Os comissários políticos disseram a Jorge Torrado que a partir daquele momento deixava de ser proprietário porque as suas terras tinham passado a pertencer ao povo. «Por alma de quem?!» quis saber Jorge Torrado, incrédulo, enervado e cheio de vontade de ir a casa buscar a espingarda de caça. «Por alma de uma nova lei que se fez para trazer justiça ao povo», explicaram-lhe, dizendo que agora havia um novo regime em Cuba em que ninguém era dono de nada e todos eram donos de tudo. Chamavam-lhe a Revolução.

Luz María sabia esta história de cor, não porque a tivesse presenciado, pois ainda não era nascida, mas por a ter ouvido da boca do pai alguns anos depois dos acontecimentos.

Arruinado, Jorge partira para Havana, levando consigo umas poupanças resgatadas a uma caixa de chocolates cheia de dólares e enterrada nas traseiras de sua casa a pensar em alguma eventualidade nefasta. Chegado à capital, alugou um quarto e deixou-se ficar alguns meses, discretamente inactivo, a perceber os humores da Revolução. Eram tempos perigosos, tempos de ajustes de contas. Qualquer um podia ser engolido pela Revolução e o pai de Luz María tomou todas as precauções para não pôr um pé em falso. Progressivamente, foi-se integrando na nova ordem, certo de que seria denunciado às autoridades pelos vizinhos caso insistisse em manter-se à parte da sociedade colectivizada. Nessa época, o individualismo não era bem visto em Cuba.

Tornou-se funcionário numa repartição pública do Ministério dos Transportes e fez carreira sentado a uma secretária afogada em papéis cuja utilidade, para ser honesto, trinta e quatro anos depois, quando se reformou, ainda tinha dificuldade em explicar.

Casou com uma colega de serviço e, com o que lhe restava da providencial caixa de chocolates, adquiriu uma casa digna onde viveu até ao dia da sua morte.

Luz María nasceu depois da Revolução e teria crescido sem conhecer outra realidade se o pai não tivesse tomado a iniciativa de lhe ir explicando que o mundo não acabava naquela ilha isolada. Cauteloso, foi-a deixando perceber que o paraíso cubano não era bem como lhe ensinavam na escola oficial. Não lhe disse tudo de uma vez, com medo de que a filha pudesse revoltar-se ou repetir na escola o que só podia ser dito em casa.

O apartamento da *Castellana* era um palácio, se comparado com a casinha acanhada onde Luz María vivera em Cuba, mas não havia ali nenhum armário dispendioso ou algum sofá comprado nas irresistíveis lojas de Madrid. Em compensação, Luz María podia chegar ao fim do dia e gozar com a mãe e a filha o conforto dos seus 150 metros quadrados sem reçar a inveja dos vizinhos. Em Havana era obrigada a partilhar a sua vida com desconhecidos. Uma vez por mês, as pessoas do seu quarteirão reuniam-se no núcleo do Comité de Defesa da Revolução para debaterem os problemas locais e decidirem a atribuição de tarefas *voluntárias*. Tanto lhe podia calhar a brigada de varredores de rua como ver-se incluída nos turnos de guardas-nocturnos populares que vigiavam as ruas e controlavam os passos dos vizinhos. Recusar-se a contribuir para estas tarefas comunitárias teria sido o primeiro passo para ser considerada anti-social, contra-revolucionária e, em breve, candidatar-se a perder o emprego e a ser perseguida das mais diversas formas.

Enquanto adolescente, Luz María nunca conseguiu deixar de se sentir intrigada com a passividade do pai. Ele não se tornara amargo nem se rendera ao cinismo, apesar de lhe terem roubado as terras e a vida que ambicionara construir com a certeza de quem sabia exactamente qual era a sua vocação.

— Se não tivesse sido a revolução — disse uma vez a Luz María, para lhe aplacar a fúria de uma revolta cada vez maior — não teria conhecido a tua mãe e tu não terias nascido. E não há nada mais importante para mim neste mundo do que a minha família.

— Sim — disse ela, irritada com o optimismo do pai —, mas ainda terias a tua fazenda e, provavelmente, estarias casado com outra mulher e terias outra família que amarias tanto como esta. E, como sabes, nenhum pai é capaz de distinguir o amor por um filho em relação ao irmão, por isso não importa se era eu ou outro qualquer, desde que fosse teu filho.

— Não concordo — contrariou-a. — Há muitos pais que se dão bem com um filho e nem sequer falam com o outro. A ti conheço-te bem, outro qualquer não sei como sairia.

— Isso é porque se afastaram por alguma circunstância infeliz. Mas, mesmo que estejam de relações cortadas, raramente um pai deixa de amar o seu filho.

Inabalável nas suas convicções juvenis, Luz María ainda não adquirira a maturidade suficiente para perceber a atitude do pai.

— Se um ladrão me roubasse e eu soubesse a sua identidade, não descansaria até o meter na prisão — disse, toda esganiçada, gritando em voz baixa para que os vizinhos não a ouvissem. Estavam na sala a conversar e, como era de noite, as suas vozes projectavam-se com facilidade para o exterior. Fazia muito calor e a janela e a porta da rua estavam abertas para deixar passar uma aragem. A entrada era de porta dupla. Uma de madeira sólida, que estava sempre aberta por causa do calor, e outra de grades, que ficava fechada. Mas uma das poucas vantagens do estado policial em que viviam era que quase não havia crime, de forma que não precisavam de se preocupar em trancar-se. Em contrapartida, o bom senso dizia-lhes que não seria prudente falar em voz alta quando comparavam os responsáveis do governo a criminosos comuns. O pai acendeu um charuto sem marca, comprado depois do emprego a um vendedor ambulante quando esperava na fila do autocarro para regressar a casa.

— E fazias bem — deu-lhe razão. Apagou o fósforo com um sopro de fumo e ficou de olhos postos na chama que transformou o charuto numa tocha efémera. — Fazias bem — repetiu, pensativo, a ver a chama extinguir-se. — Mas, por outro lado, se soubesses que ias desperdiçar a tua vida inteira a perseguir o ladrão e, se soubesses que tinhas pouca ou nenhuma esperança de reaver o que ele te roubara, então talvez reconsiderasses. Talvez pensasses

que mais valia preocupares-te em ser feliz com o pouco que tives-
ses, do que seres infeliz por causa de uma cruzada condenada ao
fracasso. Eu escolhi ser feliz.

Uma das qualidades de Luz María era saber escutar. Desde
pequena que era rebelde e o pai, que a conhecia tão bem, nunca
fizera nada para contrariar o carácter forte da filha. Se quisesse
impor-lhe à força os seus pontos de vista, ela rejeitá-los-ia liminar-
mente. Mas se a confrontasse com a força da lógica, ela assimilaria
a sabedoria do pai e aceitá-la-ia como uma bênção. Outra das
qualidades de Luz María era ser inteligente.

À superfície, o pai não passava de um burocrata inofensivo e
sem história. Um homem simpático mas insignificante. Passara
anos a cultivar essa imagem discreta. Sabia que, enquanto não
criasse conflitos nem se revelasse demasiado ambicioso, ninguém o
tomaria de ponta nem o envolveria em intrigas perigosas. A educa-
ção era a sua arma, pois conseguia sempre levar a sua avante
replicando a um colega teimoso ou a um cidadão insistente com
uma simpatia inquebrantável, dizendo *não* as vezes que fossem
necessárias sem levantar a voz, sem ser desagradável e sem ceder
um milímetro. Poucas pessoas sabiam que, na realidade, aquele
homem diligente com os seus papéis de secretaria possuía uma
instrução superior e uma cultura invulgar. Luz María aprendeu
muito com o pai e acabou por admirá-lo pela sua capacidade de
ultrapassar as contrariedades da vida com um sorriso, sem se deixar
consumir por ódios mesquinhos, tão vulgares naquela época. E foi
graças aos seus conselhos que conseguiu fugir da ilha, na altura
certa, sem ir atrás de uma decisão precipitada e deitar tudo a
perder.

Foi durante a juventude que a mãe de Luz María teve mais peso
na sua educação. Mariela Peña era uma mulher sem grande beleza
mas uma alma prestável e com uma alegria de viver que, não só
encantara o marido desde a primeira hora, como cativava todos os
que a conheciam, sem excepção.

Trabalhava na mesma repartição pública que o marido, onde o
conhecera. Tinham começado exactamente no mesmo dia e, como

eram ambos absolutos ignorantes da vida própria da papelada que transitava um percurso estabelecido por balcões, corredores e cestos de secretárias, apoiaram-se desde o início procurando orientar-se nos labirintos da burocracia.

Casaram três meses depois.

Quando Luz María nasceu, os pais deram graças a Deus por aquele pedaço de gente tão pequenino que lhes parecia irreal. A criança trouxe-lhes uma alegria tão grande quanto a que sentiram no dia do casamento. Contudo, fizeram um pacto: não voltariam a ter filhos enquanto não houvesse uma verdadeira democracia em Cuba. E foi por isso que Luz María nunca chegou a ter irmãos.

A mãe orientou-a desde pequenina. Graças a ela, Luz María chegou aos primeiros indícios da idade adulta incólume às consequências nefastas das transformações sociais que se abateram impiedosamente sobre as pessoas, propiciando vinganças aleatórias e provocando ódios e ressentimentos, tudo em nome de um ideal político com costas largas.

Agora estava em Espanha, e só a certeza de que Maruja poderia crescer em segurança já era suficiente para se sentir conciliada com a vida.

Enfiou a chave na porta de casa, atrapalhada com a filha ao colo e a carteira a cair-lhe.

— *Mamá!* — chamou para dentro. A mãe surgiu da sala e foi ajudá-la.

— Dá-ma cá — disse, tomando Maruja nos braços.

— Obrigada, Mamí. Esta miúda está cada vez mais pesada.

— Eu levo-a para a cama. Deixa-te ficar na sala. Já te levo qualquer coisa para comeres. — *Qualquer coisa para comeres*, vindo da boca dela queria dizer uma refeição quente, com sopa, resto e fruta.

— Não tenho fome, Mamí — reclamou Luz María, sabendo que a mãe lhe havia preparado o jantar. — Só me apetece tomar um banho e enfiar-me na cama. Estou morta.

— Nem penses que estive uma hora na cozinha para nada.

— Está bem — sorriu. — Eu como qualquer coisa.

Não havia um único dia em que Luz María não desse graças a Deus por ter conseguido arrancar a mãe às garras da sua Cuba natal. De certa forma, a história da mãe repetira-se com ela. Por altura da revolução, o avô materno de Luz María, comerciante abastado, dono de três grandes armazéns onde se vendia um pouco de tudo o que fazia falta aos lares de Havana, foi surpreendido em plena passagem de ano pela entrada na capital dos primeiros revolucionários. Havia pânico na cidade: os governantes corruptos, os chefes militares e todos aqueles que orbitavam em redor do poder que agora caía na rua, correram para o aeroporto de Campo Colômbia e para o porto da capital em traje de cerimónia, saídos directamente dos bailes de ilusão para apanharem os aviões e os barcos que os levariam ao exílio. Durante horas, voos sucessivos partiram de Campo Colômbia, transportando através da noite os assustados membros do regime para Miami, Nova Iorque, Nova Orleães e Jacksonville, nos Estados Unidos.

Mas o avô de Luz María não se precipitou no turbilhão da fuga desenfreada. Porque tinha a consciência tranquila de uma vida de trabalho sem trapaças, não recebeu a vingança de ninguém. Contudo, reuniu a família no salão da casa senhorial em *la Habana Vieja* e comunicou à mulher e aos seis filhos o que iam fazer.

— Não tenho ilusões — disse, cofiando gravemente o seu comprido e grisalho bigode aristocrático —, amanhã, todos os que tiverem uma conta bancária decente serão apontados a dedo na rua e acabarão na prisão, independentemente de serem honestos. O novo regime não vai tolerar a existência de empresários. A iniciativa privada faliu em Cuba. Por isso, meus filhos, façam as malas que partimos ao amanhecer.

Enquanto a família fazia as malas, o avô de Luz María dirigiu-se ao seu escritório no primeiro andar. Ignorou as prateleiras repletas de livros que nunca tivera tempo para ler, foi directo ao retrato a óleo do seu pai, retirou o quadro da parede e abriu um cofre. Esvaziou o conteúdo num grande saco de viagem: vários maços de dólares, duas barras de ouro e jóias. Às três da madrugada, enquanto o ditador Batista embarcava a bordo de um avião para Ciudad Trujillo, na República Dominicana, o avô de Luz María desceu pela última vez as escadas da sua casa com tudo o que lhe

restava da sua imensa fortuna no saco de viagem. Não era nada, comparado com os bens acumulados numa vida de trabalho, mas dar-lhe-ia para recomeçar em Miami.

Ao amanhecer reuniram-se no átrio da casa, prontos para partir. Iriam para Miami a bordo do iate da família que já os esperava no porto. Ainda hoje, Mariela lembrava-se perfeitamente de todos os segundos desse momento dramático. Por vezes, relatava-o à filha.

— A tua avó ficou lívida quando me perguntou pela minha mala e eu comuniquei-lhe que não ia com eles. Tinha vinte e cinco anos e estava apaixonada. Não ia fugir dum bando de barbudos e deixar para trás a razão da minha existência, naquela altura, pelo menos — dizia, lembrando-se que o namorado a largara como um trapo velho nem três meses depois, deixando-a desamparada com o seu desgosto de amor. Mas então já era tarde de mais para fugir. — A minha mãe disse que se recusava a partir sem mim. As minhas irmãs, mais novas, começaram a chorar, assustadas, mas o meu pai, prático como sempre, pôs-me dois maços de notas nas mãos, abraçou-me e acabou com aquilo desejando-me toda a sorte do mundo. O meu pai receava que eu não conseguisse casar. Só tivera um namorado na vida e, pelas suas contas, até já devia estar cheia de filhos. Naquela época casava-se cedo e eu já ia nos vinte e cinco.

O avô de Luz María tivera razão em pensar que não poderia passar à margem da revolução e continuar com a sua vida de empresário. Depois da família partir, Mariela ficou assustada, mergulhada na solidão opressora daquele casarão habituado ao burburinho alegre de um quotidiano cheio de gente. Os pais, os irmãos, os criados e uma multidão de indefectíveis amigos que passavam por ali a toda a hora tinham desaparecido. De um momento para o outro, viu-se abandonada, sentada na sala com as mãos no colo e as lágrimas a escorrerem-lhe em rios de tristeza. Pura e simplesmente, não sabia por onde recomeçar a vida que escolhera sem muito tempo para pensar com a tranquilidade que a gravidade da situação aconselhava. Era a primeira vez que estava por sua conta e risco. Mas os acontecimentos haveriam de decidir tudo por ela.

Quinze dias depois a casa foi ocupada. Um bando de gente maltrapilha entrou sem pedir licença e tomou conta das doze divisões espaçosas. Vieram famílias inteiras, conscientes da anarquia e da impunidade que, naquela época, atravessavam a ilha de lés a lés, e chegaram a bater-se pela posse dos móveis da casa, perante o espanto da legítima proprietária. Chocada, ela própria interveio para sossegar a cobiça dos pobres e mediou a distribuição dos bens seculares da família por aqueles indigentes dispostos a matar por uma cadeira.

Sem ter para onde ir, Mariela entrincheirou-se no seu quarto e isso foi tudo o que lhe restou do casarão enorme onde, então, até o salão servia para albergar duas famílias numerosas e hostis como leões a defenderem o seu território.

O nível cultural de Jorge e Mariela, superior ao dos colegas de repartição, e a circunstância de se sentirem entre estranhos, contribuíram para que desenvolvessem uma afinidade natural. Ele convidou-a para um passeio ao fim da tarde em Havana.

— Por que é que não partiste com a tua família para Miami? — perguntou-lhe. — Percorriam o passeio do *Malecón*. Ela cruzou os braços enquanto caminhava sem o fitar directamente. Era tímida e demorou alguns segundos a procurar as palavras certas para responder.

— Por causa de uma pessoa — disse.

— Um homem?

— Hum, hum — abanou a cabeça. O sol das Caraíbas envolvia o horizonte marítimo com tons de laranja belíssimos. Era engraçado, Cuba estava virada do avesso mas quem passeasse por ali àquela hora diria que era a mesma marginal de sempre, com os seus belos edifícios coloridos de dois e três andares com varandas e longas colunas que formavam arcadas em baixo, os seus casais apaixonados, os pescadores de linha amadores e os automóveis espampanantes em marcha lenta na estrada larga. Como se nada de extraordinário se tivesse passado na ilha.

— Quer dizer que vais casar? — continuou Jorge a arrancar-lhe as palavras que Mariela não diria espontaneamente.

— Não.

— Não?

— Não. Acabámos tudo.

— Ah — fez ele, evitando espalhar-se com alguma inconveniência.

— Ele deixou-me — acrescentou ela com uma voz sumida.

Pressentindo o desgosto, Jorge desviou rapidamente a conversa para um assunto sem importância embora, lá dentro, a sua alma se tivesse iluminado.

— E a tua família? — perguntou-lhe Mariela dali a pouco.

— Não tenho família nenhuma — explicou-lhe. — Sou filho único e os meus pais morreram há uns anos num acidente de viação.

— Que horror — reagiu ela, com uma expressão perturbada.

— O meu pai era alcoólico — prosseguiu. — Vinham de uma festa e despistaram-se.

Fez-se um silêncio incómodo. Deram alguns passos, meditando nas revelações de ambos, interiorizando o que acabavam de saber um do outro.

— Comemos um gelado? — sugeriu Jorge, preenchendo aquele vazio, à vista de um vendedor ambulante.

— Pode ser.

Mariela deixou-se ficar para trás, observando Jorge a comprar os gelados. Ele trazia vestida uma camisa de manga curta, azul-clara, que usava por fora das calças. Reparou nos seus braços fortes e nas mãos rudes. Era um homem musculado e seco, sem aquela barriguinha típica dos funcionários que passavam os dias sentados à secretária. *Coitado*, pensou Mariela, *deve ter saudades das suas terras*. Jorge voltou com um gelado em cada mão e um sorriso no rosto.

— Aqui está — entregou-lhe o gelado. — Cuidado que já está a derreter.

— Obrigada.

Sentaram-se no parapeito da marginal a saborear o gelado.

O mar quente que banhava a baía de Havana já se iluminara com os milhares de reflexos das luzes da cidade. O Sol dera lugar à Lua, mas o ar continuava impregnado de uma humidade quente. *É a cidade mais bonita do mundo*, pensou Jorge, tocado por uma bonomia momentânea.

Mariela deixou cair a pergunta casualmente.

— Sentes falta da tua vida anterior?

— Sinto — confessou ele. — Quando o meu pai morreu deixou-me a fazenda praticamente arruinada. Tive muito trabalho a recuperá-la. Foram anos de esforço, sabes? E, quando as coisas começavam a correr bem, tiraram-me tudo... E tu? Sentes falta da tua vida?

— Sinto especialmente falta da minha família. De certa forma, a minha vida actual é mais interessante do que a anterior. O meu pai era rico e eu não fazia nada de especial. Era uma menina de família destinada a casar e ter filhos. Agora tenho de trabalhar, de viver no mundo real. — Mariela esqueceu-se do gelado a derreter-se-lhe na mão. — De certa forma — continuou — tudo isto que se está a passar em Cuba tem um lado... — hesitou à procura da palavra certa — interessante.

— Lá isso tem — disse Jorge, carregado de cinismo.

— Não, a sério. Repara, eu vivia muito melhor do que agora, morava num casarão enorme em *la Habana Vieja* e, de repente, a minha casa foi invadida por um bando de esfomeados capazes de me atirar pela janela só para eu não os expulsar. Então, fiquei ali a olhar para as crianças daquelas famílias, sujas e assustadas e, em vez de me revoltar, tive pena delas. Quis ajudá-las, percebes? Eu não sabia que havia gente assim tão pobre em Cuba.

— É verdade que havia muitas injustiças — concordou Jorge —, mas agora também há.

Este foi apenas o primeiro dos muitos passeios que deram a partir de então, sempre ao fim da tarde no *Malecón*, pois ganharam o hábito de aproveitar aquela hora do dia para ficarem sozinhos, apreciando a companhia um do outro. Desde o início perceberam que, entre eles, podiam falar à vontade, sem terem de se preocupar em medir as palavras quando diziam o que sentiam. Criaram uma cumplicidade que se foi tornando cada vez mais íntima, até ao dia em que Jorge olhou Mariela directamente nos olhos e perguntou-lhe sem vacilar:

— Queres casar comigo?

Era uma noite de festa improvisada na rua dele pela comissão de moradores do bairro. Bebia-se rum e cerveja e dançava-se ao som do *cha-cha-cha*, da rumba e dos mambos tocados ao vivo por uma orquestra de músicos alegres que sabiam como criar um ambiente

de felicidade e paz propício ao amor. Jorge e Mariela divertiam-se com uma conversa tonta e ele surpreendeu-a a meio de uma gargalhada espontânea que lhe morreu instantaneamente na garganta. Mas, apesar da surpresa, Mariela respondeu sem hesitar.

— Quero.

E então beijaram-se pela primeira vez, com os olhos húmidos de felicidade porque, nos seus corações aliviados pela confirmação do amor, já não havia dúvidas de que ficariam juntos para sempre.